

CONHECENDO E VIVENCIANDO A PESCA: “O FAZER EXTENSIONISTA” A PARTIR DA A.C.E. 1 NO CURSO DE ENGENHARIA DE PESCA DA UFAL

Resumo

Vivências extensionistas aplicadas como metodologia desde o primeiro semestre do curso de Engenharia de Pesca contribuem para o exercício da prática extensionista e conhecimento *in loco* atual da situação em que encontram-se os produtores rurais, no caso, os pescadores do Pontal do Peba. A experiência extensionista permitiu observar e analisar a estrutura da cadeia produtiva local através de análises da paisagem, pelo método de travessia e contato. Permitiu aos discentes interações dialógicas junto com a comunidade pesqueira, momentos em que estudantes tiveram a oportunidade de conhecer os problemas e dificuldades enfrentados pelas pessoas que fazem parte da produção de alimentos na região.

Palavras-chave: extensão pesqueira, pescadores, Pontal do Peba

ALFREDO LEANDRO BORIE MOJICA (Autor)
Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS.
CHAIANE SANTOS ASSUNÇÃO (Autora)
Vínculo Institucional: UNIVERSIDADE
FEDERAL DE ALAGOAS.

Submetido em OUT/2022.
Aceito em NOV/2022.
Revisado em NOV/2022.
Publicado em DEZ/2022.

INTRODUÇÃO.

No projeto pedagógico do curso de Engenharia de Pesca da UFAL, a partir do componente curricular A.C.E 1 “O fazer extensionista”, ofertado no primeiro período curso, com a finalidade de apresentar aos discentes aspectos teóricos da pesquisa extensionista e exemplos de intervenção social, são aplicados conhecimentos através de uma proposta de qualquer modalidade de extensão, construída pelos discentes sob orientação do docente responsável. Assim, ações extensionistas realizadas desde o início do curso podem mudar o pensamento e a perspectiva dos discentes, uma vez que conhecem as realidades dos produtores rurais, seja na pesca artesanal ou na aquicultura, conseguindo mudar seu pensamento e realizar uma análise crítica mais profunda sobre as situações vivenciadas. Através desta experiência, os/as estudantes podem conhecer a realidade existente nas diversas propriedades dos produtores rurais, bem como reconhecer a importância da pesca, aquicultura e da prática dos assuntos tratados em sala de aula.

O perfil do extensionista exige “sensibilidade e compromisso social”. Conhecer a realidade social significa ir além da realidade rural; é inseri-la em um contexto mais amplo. Essa tarefa supõe que o extensionista não seja apenas um técnico encarregado de soluções específicas para problemas específicos. Ele precisa também conhecer o seu campo de atuação, as relações que nele se estabelecem, os interesses presentes e as possibilidades de mudança social (FAVERO e SARRIERA, 2009).

Para conhecer é necessário lançar mão de vários recursos, já que o conhecimento não é adquirido somente “contemplando” ou “olhando”; ele é adquirido com os indivíduos interagindo com a realidade em estudo. O contato com a realidade proporciona para o indivíduo, seja ele educador; pesquisador ou educando, uma intervenção social, uma produção de conhecimento que envolve um saber coletivo, não se resume apenas no ato de transmitir e receber e sim envolve uma prática social e a construção do conhecimento (JEZINE, 2006)

Da Ros (2012) distingue momentos de processo metodológico do aprendizado na construção da metodologia de ensino a partir da ênfase nas práticas sociais que consistem em: 1) conhecer a prática social em que ocorrem o contato e a descoberta da realidade social; 2) identificar as problemáticas presentes nessa realidade, culminando com a criticidade e a descoberta de conteúdos que possibilitem interpretação; 3) definir um embasamento teórico, decorrente da apropriação dos instrumentos para a compreensão da realidade, associando os aspectos necessários para o equacionamento dos problemas da realidade social nos territórios e tendo o professor como mediador para a análise; 4) reelaborar conhecimentos a partir da reorganização das análises e das problematizações feitas, ou seja, produzir uma síntese; 5) contribuir para a realidade social, desenvolvendo melhorias de forma qualitativa.

Nesse sentido, e em um primeiro momento, conhecer e identificar problemas se torna importante ao iniciar ações de Extensão, Assim, as “vivências” com os pescadores artesanais podem ser consideradas como substrato para a geração de novos conhecimentos. A vivência compreende passar um período com os produtores rurais em meio a todos os seus problemas e aspirações, com total integração à realidade e sem mediação de terceiros, tampouco guiados por questionários fechados (GONDIM, 1996).

O presente trabalho vem mostrar a importância do “fazer extensionista” desde o primeiro semestre dos discentes do curso de Engenharia de Pesca da UFAL e do componente curricular A.C.E. 1. Aqui, os/as discentes podem conhecer a realidade dos pescadores e da cadeia produtiva do pescado no Pontal do Peba, uma vez que o desconhecimento é notório em relação à área de atuação do Engenheiro de Pesca. O “fazer extensionista” por esses estudantes iniciantes no curso se torna fundamental, podendo, inclusive, evitar alta evasão desses na graduação.

Metodologia

A Pesquisa de extensão pesqueira dentro do componente curricular de A.C.E 1 - "O fazer extensionista" foi executada pelos/as estudantes, professores/as e monitores da A.C.E, juntamente com a comunidade pesqueira do Pontal do peba - Piaçabuçu/Alagoas.

Para a pesquisa, foram utilizados métodos de vivência, contato e análises da paisagem através de travessia (caminhada), ação que permite aos pesquisadores obterem junto às

localidades informações sobre diferentes componentes da cadeia produtiva do pescado da região. Além disso, outros fatores poderiam ser visto, como a vida econômica, moradias dos pescadores e as características do próprio Pontal do peba, desde da sua vegetação, clima e solo.

O que diferencia a vivência em relação às visitas do trabalho de Da Ros (2012) é a questão de como se conduz a leitura da realidade, já que não havia a preparação prévia e esse caminho deveria ser construído pelos próprios estudantes, a partir do conteúdo teórico. Diferentemente de uma visita, a vivência tem um componente de mudança: em uma perspectiva de diálogo e respeito mútuo (FACCO et al., 2021)

A Metodologia foi aplicada de forma planejada, por meio de uma caminhada linear, onde foi percorrido o espaço do extremo limite da praia entre municípios de Feliz deserto/AL e Piaçabuçu/AL.

Durante o percurso, os/as estudantes foram orientados a analisarem a paisagem e a olharem o ambiente de uma “forma extensionista”, prestando atenção nos detalhes de toda a cadeia produtiva, desde as áreas utilizadas por embarcações pesqueiras e contagem dos barcos, áreas de embarque e desembarque e estruturas que fazem parte da cadeia produtiva do pescado, como fábricas de gelo, peixarias, restaurantes.

Resultados e discussões

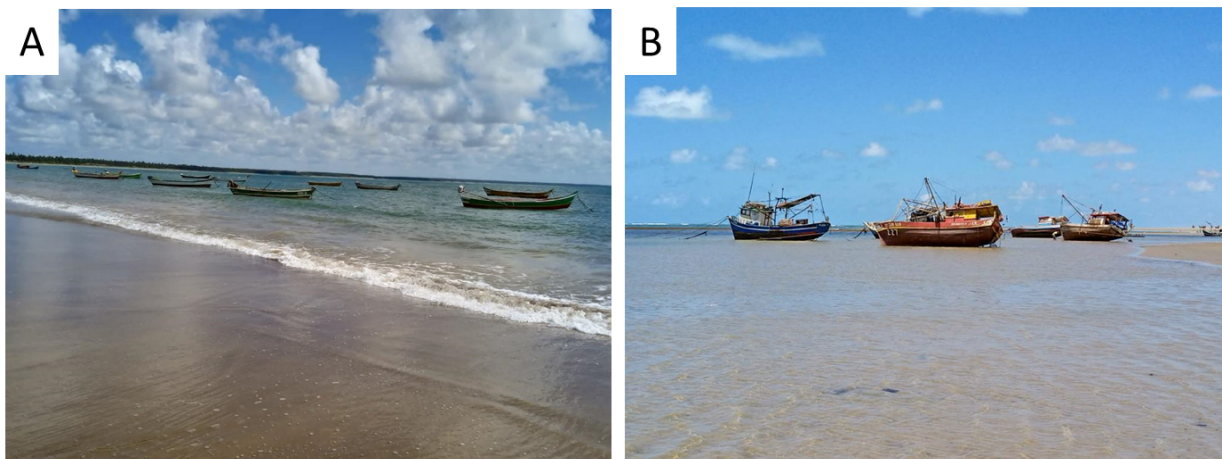
A travessia levou cerca de 3h, onde, durante o percurso, aconteceu o contato com pescadores artesanais e integrantes da associação de pescadores e pescadoras da região. No decurso do encontro, os/as discentes tiveram a oportunidade de ouvir os relatos do cotidiano da comunidade pesqueira, interagindo com pescadores, responsáveis por peixarias e beneficiadoras de pescado, desde a busca pela extração aos empecilhos da comercialização e beneficiamento do produto.

Partindo do ponto de encontro com os pescadores, a travessia foi finalizada na região de concentração de restaurantes da praia, onde foi possível visualizar o destino final de boa parte do pescado extraído ali mesmo na região, nos estabelecimentos comerciais alimentícios, onde o produto é vendido pronto para consumo.

Durante a travessia e o contato com a comunidade pesqueira, especialmente a conversa com pescadores locais presentes na associação de pescadores e pescadoras do Pontal do Pebá, foi possível se averiguar as complexidades da comercialização do pescado extraído na região.

Houve a identificação das áreas utilizadas pela atividade pesqueira como: áreas de fundeio e manutenção de embarcações pesqueiras de arrasto de camarão e canoas motorizadas (Figura 1); local de embarque e desembarque (Figura 2.) da produção pesqueira e insumos utilizados na pesca. Também, da infraestrutura e instituições ligadas à cadeia produtiva do pescado no Pontal do Peba, como, fábricas de gelo, peixarias e locais de beneficiamento; restaurantes e associação de pescadores.

Figura 1. Aspectos da produção pesqueira no Pontal do Peba.



A Figura 1. ilustra embarcações pesqueiras observadas durante a travessia para análises de paisagem. A área de fundeio de canoas motorizadas e a figura B, área de manutenção de barcos de arrasto de camarão.

No distrito do Pontal do Peba, a frota camaroneira motorizada há época da década de 1980 totalizava em torno de 150 embarcações. Em 2006, estava composta por cerca de 65 embarcações (SANTOS e FREITAS, 2006). Atualmente, o número mantido é de, aproximadamente, 69 barcos.

Nas peixarias, os discentes puderam dialogar com os proprietários, conhecer as dificuldades e observar precárias condições estruturais e de trabalho nas peixarias (Figura 2. B), com sérios problemas higiênico-sanitários e de saúde pela falta de uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), assim como riscos ergonômicos por repetitividade de movimentos e postura inadequada. Grande parte das doenças ocupacionais se desenvolve devido aos riscos ergonômicos presentes no ambiente de trabalho.

CONHECENDO E VIVENCIANDO A PESCA: “O FAZER EXTENSIONISTA” A PARTIR DA A.C.E. 1 (...)
A. L. B. MOJICA & C. S. ASSUNÇÃO

Parte do pescado capturado como fauna acompanhante é eviscerado, descamado e salgado, para logo serem colocados para secagem em esteiras de palha taboa sobre um estrado de madeira a uma altura aproximada de um metro (Figura C). Também foi observado que as embalagens não apresentam rótulos com informações mínimas necessárias para orientar os consumidores sobre o produto que está sendo comercializado (Figura D e E).

O contato com pescadores artesanais locais permitiu a troca de informações e depoimentos dos sobre a situação atual da pesca do camarão, a comercialização desses pescados têm grande parte da sua remessa destinada a 5 atravessadores, que são os agentes responsáveis pela comercialização do produto e subproduto beneficiado na região de captura originária. E com isso, é realizado o transporte e a revenda da mercadoria para outros estabelecimentos comerciais, agindo assim como intermediários entre os produtores (os pescadores), responsáveis pela extração, e os consumidores.

O encontro com a moradora e estudante concluinte do curso de Engenharia de Pesca explicando a situação deste extrativismo e o monitoramento pesqueiro que vem sendo realizado, permitiu aos discentes conhecer a atividade pesqueira do Pontal do Peba desde um ponto de vista acadêmico (Figura D).

Figura 2. Aspectos da produção pesqueira no Pontal do Peba.



CONHECENDO E VIVENCIANDO A PESCA: “O FAZER EXTENSIONISTA” A PARTIR DA A.C.E. 1 (...)
A. L. B. MOJICA & C. S. ASSUNÇÃO

A figura 2.A mostra o local de desembarque do pescado. A figura 2/B, beneficiamento nas peixarias. A C, esteira para secagem de pescado salgado. A D, pescado inteiro embalado e congelado. A figura E, filé de camarão embalado e congelado.

Ainda em depoimento, o grupo de pescadores relatou a diminuição das idas às pescarias, por falta da demanda de venda do pescado para os atravessadores. Por encontrarem-se como agentes dirigentes da compra de camarões marinhos no Pontal do Peba, os atravessadores, como são chamados, possuem grande intervenção no cotidiano das pescarias, frequência da pesca e a comercialização de quase todo pescado da região do Pontal do Peba. Nesse sentido, os pescadores acreditam que a instalação de uma empresa de pesca possa contribuir com a comercialização e escoamento da produção. A principal reivindicação dos pescadores locais foi a implantação de uma cooperativa. Dessa forma, a capacitação dos pescadores para organização de cooperativas e o incentivo para aproveitamento econômico da fauna acompanhante são medidas que podem ampliar o retorno econômico da atividade pesqueira (FERNANDES et al., 2014).

Figura 3. Aspectos da produção pesqueira no Pontal do Peba.



A figura 3.A e B ilustram a Associação de pescadoras e pescadores do Pontal do Peba. A figura C, contato com pescadores artesanais e figura D, o encontro com moradora e aluna

concluinte do curso de Engenharia de Pesca explicando a situação da pesca e o monitoramento pesqueiro que vem sendo realizado.

Além de constatar as adversidades para a comercialização do pescado na praia do Pontal do Peba, foi possível verificar as dificuldades como a grande ausência embarcações regularizadas para a pesca, o que desabilita aos pescadores a usufruírem de benefícios fiscais (isenção de ICMS) no óleo diesel para embarcações pesqueiras. O Programa de Subvenção Econômica ao Preço do Óleo Diesel foi criado pela Lei nº 9.445, de 14 de março de 1997 e regulamentado pelo Decreto nº 7.077, de 26 de janeiro de 2010. Em Alagoas, desde 2015, mais de 700 pescadores usufruem da isenção de ICMS no óleo diesel para embarcações pesqueiras. No total, são 143 embarcações credenciadas com uma cota autorizada de quatro milhões de litros ao ano (SEFAZ, 2022).

Desafios.

Fomentar a criação de uma cooperativa envolvendo todos os atores da cadeia produtiva do pescado no Pontal do Peba através da capacitação dos pescadores para organização de cooperativas e beneficiamento, junto ao poder público local e órgãos extensionistas.

Propor a realização de oficinas sobre custo de produção do pescado e formação do preço de venda para instigar nos pescadores a curiosidade de saber os custos (gastos totais) que eles possuem no exercício profissional da pesca. Também uma oficina de controles financeiros e administrativos que auxilie no acompanhamento mensal da renda.

Buscar a regularização das embarcações pesqueiras junto à Marinha do Brasil, Superintendência Federal de Agricultura em Alagoas e Associação de Pescadores do Pontal do Peba. O registro dos barcos motorizados é obrigatório conforme a legislação vigente.

REFERÊNCIAS

DA ROS, César Augusto. A contribuição das visitas de campo no ensino das ciências agrárias na UFRRJ. **Revista Ciência em Extensão**, v. 8, n. 1, p. 107-122, 2012.

CONHECENDO E VIVENCIANDO A PESCA: “O FAZER EXTENSIONISTA” A PARTIR DA A.C.E. 1 (...)
A. L. B. MOJICA & C. S. ASSUNÇÃO

FACCO, Hector dos Santos; DISKA, Nathana Marina; SILVA, Gustavo Pinto da. As vivências como metodologia de ensino da extensão rural: a aproximação entre estudantes e agricultores para a compreensão da realidade social. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 102, p. 821-838, 2021.

FAVERO, Eveline; CASTELLÁ SARRIERA, Jorge. Extensão rural e intervenção: velhas questões e novos desafios para os profissionais. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho. São Paulo. Vol. 12, n. 1 (jun. 2009), 20 f.**, 2009.

FERNANDES, Laís Pinho; KEUNECKE, Karina Annes; DI BENEDITTO, Ana Paula Madeira. Produção e socioeconomia da pesca do camarão sete-barbas no norte do estado do Rio de Janeiro. **Boletim do Instituto de Pesca**, v. 40, n. 4, p. 541-555, 2014.

JEZINE, E. A extensão universitária como uma prática social. In: Anais do 7º Congresso Latinoamericano de Sociologia Rural, 2006, Quito, Equador. La Cuestión Rural em América Latina: Exclusión y Resistência Social: por un agro com soberanía, democracia y sustentabilidade. Quito (EC); 2006. p. 1-16. Disponível em: <http://www.alasru.org/cdaldasru2006/15%20GT%20Edineide%20Jezine.pdf>.

SANTOS, Maria do Carmo Ferrão; FREITAS, A. E. T. S. Caracterização biológica e pesqueira do camarão sete-barbas, *Xiphopenaeus kroyeri* (Heller, 1862)(Crustacea, Decapoda, Penaeidae), no pesqueiro Laminha, área de Proteção Ambiental de Piaçabuçu (Alagoas–Brasil). **Boletim Técnico Científico da CEPENE**, v. 14, n. 1, p. 71-91, 2006.

SEFAZ 2022. Alagoas beneficia mais de 700 pescadores com isenção de ICMS no óleo diesel para embarcações pesqueiras. Sexta, 25 February. Disponível em: <http://www.sefaz.al.gov.br/noticia/item/3103-alagoas-beneficia-mais-de-700-pescadores-com-isencao-de-icms-no-oleo-diesel-para-embarcacoes-pesqueiras>